

---

## O fazer etnográfico em Câmara Cascudo: memória, fontes e interlocutores

*The ethnographic making in Camara Cascudo: memory, sources and interlocutors*

**Vanderlan Silva e Valdeci Feliciano Gomes**

---



### Edição electrónica

URL: <https://journals.openedition.org/pontourbe/9989>

DOI: 10.4000/pontourbe.9989

ISSN: 1981-3341

### Editora

Núcleo de Antropologia Urbana da Universidade de São Paulo

### Refêrencia eletrónica

Vanderlan Silva e Valdeci Feliciano Gomes, «O fazer etnográfico em Câmara Cascudo: memória, fontes e interlocutores», *Ponto Urbe* [Online], 28 | 2021, posto online no dia 27 julho 2021, consultado o 31 julho 2021. URL: <http://journals.openedition.org/pontourbe/9989> ; DOI: <https://doi.org/10.4000/pontourbe.9989>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 31 julho 2021.



This work is licensed under a Creative Commons Attribution 4.0 International License.

---

# O fazer etnográfico em Câmara Cascudo: memória, fontes e interlocutores

*The ethnographic making in Camara Cascudo: memory, sources and interlocutors*

Vanderlan Silva e Valdeci Feliciano Gomes

---

## NOTA DO EDITOR

Versão original recebida em / Original Version 08/12/2020

Aceitação / Accepted 09/04/2021

## Um autor e suas obras

- 1 Este artigo analisa a produção etnográfica desenvolvida por Luís da Câmara Cascudo (1898-1986), tido por muitos como um dos principais intelectuais brasileiros do século passado, autor de vasta obra antropológica, com trinta e três livros dedicados aos estudos do folclore e ao chamado regionalismo brasileiro. Formado em Direito pela Faculdade de Direito do Recife, em 1928<sup>i</sup>, Cascudo optou, inicialmente, pelo curso de Medicina, que estudou até o quarto ano nas universidades do Rio de Janeiro e da Bahia. Após sua formação, Cascudo exerceu a advocacia, o jornalismo e docência na Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), onde lecionou Etnografia Geral por quase uma década, entre 1955 e 1963.
- 2 A importância de suas obras pode ser dimensionada pelas constantes inspirações, referências, publicações, estudos e análises<sup>ii</sup> que suscitam. Boa parte das pesquisas que subsidiaram os seus livros fez uso da etnografia e é sobre fatia considerável desses trabalhos etnográficos que este artigo se debruça, a exemplo dos livros: História da

alimentação no Brasil (1983); *Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral* (1973); *Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do Sertão de Pernambuco* (2000); *Rede-de-dormir: Uma pesquisa etnográfica* (1983); *Superstições e Costumes: pesquisa e notas de etnografia brasileira* (1958); *Jangada – uma pesquisa etnográfica* (1957); e *Meleagro – depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil* (1951).

- 3 Ressalte-se, entretanto, que a análise não se deterá de modo singular sobre cada uma das obras referidas, mas sobre o conjunto das práticas etnográficas nelas contidas, visando captar aspectos comuns e dissonantes nas etnografias cascudianas, a partir das discussões sobre suas possibilidades, limites de interlocução e de acesso aos dados.
- 4 Desde a chamada “geração intermediária” (Clifford 1998), passando pela invenção da moderna etnografia por Malinowski e seu incontornável livro “Os argonautas do pacífico ocidental”, publicado em 1922, acompanhando as principais etnografias clássicas produzidas durante o século XX, até a antropologia pós-moderna, em especial na discussão cristalizada pelos participantes do Seminário na *School of America Research de Santa Fé*<sup>iii</sup>, nos Estados Unidos, em meados da década de 80 do século XX e seus desdobramentos, questões sobre os limites da tradução de práticas e valores das sociedades estudadas pelos antropólogos, relações políticas de colonização, níveis de inserção do pesquisador nas sociedades estudadas, acesso e qualidade dos dados coletados, negociações para acesso ao campo etc., estiveram na pauta, em maior ou menor grau, nos embates em torno dos quais a comunidade antropológica tem produzido trabalhos etnográficos.
- 5 Em pouco mais de um século de existência as pesquisas etnográficas foram acompanhadas por inúmeras discussões sobre a validade de seus critérios, de suas práticas e das relações éticas estabelecidas entre pesquisadores e seus interlocutores. Tal como o adágio popular segundo o qual “aquilo que não te mata, te torna mais forte”, a etnografia se enriqueceu com inúmeros conflitos entre visões e práticas de campo estabelecidas por antropólogos em sociedades, grupos e lugares distantes e ‘exóticos’, mas também nos lugares próximos e, muitas vezes, no limite do urbano, localizados nas sociedades dos pesquisadores.
- 6 Graças a sua versatilidade, a etnografia deixou de ser de uso exclusivo de antropólogos, apesar de continuar tendo nas pesquisas por eles empreendidas algumas das principais situações de testes e expansão das possibilidades de usos. Nessa mesma esteira de pluralidades de práticas, ela passou a ser experimentada em situações distintas daquelas enfrentadas pelos primeiros antropólogos do início do século XX, quando os “imponderáveis da vida real” (Malinowski 1978) eram observados a partir das relações face a face com os interlocutores das pesquisas. Tal prática continua privilegiada, sem dúvida, mas não exclusiva, em especial quando a pesquisa se produz em agrupamentos cujas fontes também contemplam documentos escritos, como entre muitos grupos estudados por Câmara Cascudo.
- 7 A junção de documentos escritos às fontes orais e às observações diretas não apenas serviram para alargar as possibilidades de uso das práticas etnográficas, mas também geraram controvérsias que se colocam como provocações, desafios, uma vez mais, à reflexão sobre as dificuldades, os limites e problemas do uso da etnografia.
- 8 As obras produzidas por Câmara Cascudo ilustram bem esse panorama de enfrentamento dessas possibilidades.

## Obras etnográficas cascudianas

- 9 A obra “História da alimentação no Brasil” (1983), publicada, originalmente, em dois volumes com treze capítulos, foi elaborada após o convite feito pelo então embaixador Assis Chateaubriand, em 1962, para que escrevesse uma obra para a Sociedade de Estudos Históricos Dom Pedro II sobre qualquer assunto que lhe interessasse. Nessa obra, Cascudo descreve o que considera as principais contribuições culinárias dos povos que deram origem ao povo brasileiro, apontando as permanências alimentares africanas, indígenas e portuguesas e a “supremacia” desta última na formação da cozinha brasileira.
- 10 A pesquisa que deu origem à obra foi realizada de acordo com o que o autor nominou de “notas pessoais”, escritas a partir de conversas com ex-escravos, como Fabião Hemenegildo Ferreira da Rocha (Fabião das Queimadas) e Silvana, e de proprietários de escravos, tal como o coronel Filipe Ferreira da Silva, “Filipe Ferreira, de Mangabeira”, dono de escravos até 1887, além de fontes, literalmente, familiares, como a sua própria mãe e algumas de suas tias (Cascudo 1983). Nas palavras do próprio autor:

Conheci ex-escravos e com eles privei. Fui advogado de um grande senhor de escravaria, inesgotável nas recordações. Dessas reminiscências e observações do velho coronel Filipe Ferreira, de Mangabeira, nasceram notas enchendo cadernos. Nunca perdi ocasião de ouvir aldeões galegos e minhotos, andaluzes e beirões, sobre seus alimentos tradicionais. Fiz demorados inquéritos pessoais entre mestres de farinha, damas dos antigos engenhos, cozinheiras afamadas, as doceiras de citação, sempre que podia realizá-los. Minha mãe, minhas tias, senhoras de sertão oeste, fiéis às normas do outro tempo, suportaram minha curiosidade infatigável. Volumes impressos, cadernos manuscritos de receitas venerandas, foram lidos devagar (Cascudo 1983: 15).
- 11 As fontes próximas e familiares estão amplamente presentes nos trabalhos de Cascudo, às quais se juntam outras, tais como: escritos de cronistas, de viajantes e escritores como Padre Manoel da Nóbrega, José de Anchieta, Pero de Magalhães Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, Hans Staden, Fernão Cardim, Jean de Léry, André Thévet, Frei Vicente do Salvador.
- 12 Outra obra dessa lista é “Jangada”, publicada em 1957, na qual Cascudo parte da aproximação com os pescadores e das conversas com os jangadeiros Mestre Silvestre, Manuel Gangão, Filadelfo, Mestre Manoel Claudino, Ricardo Severiano da Cruz e Pedro José de Oliveira, seus ‘professores’ na jangada e em coisas de pescarias (Cascudo 1957). Para o autor essa proximidade com os jangadeiros, alguns dos quais amigos e informantes há mais de trinta anos, quase todos “compadres de seu pai”, possibilitava-lhe “se apossar” das vozes dos jangadeiros. Em suas palavras: “quando Assis Chateaubriand perguntou se eu podia escrever um ensaio sobre a Jangada, respondi afirmativamente. Estava fiado nos velhos mestres, vivos e mortos, nas vozes desaparecidas ou ainda alertas soando em cima dos seus paus boeiros das jangadas no alto” (Cascudo 1957: 5). Tal proximidade e ‘conhecimento’ de longa data com tais interlocutores faziam com que Cascudo se sentisse em condições de ser ‘tradutor etnográfico’.
- 13 Na sequência desse inventário etnográfico, tem-se a obra “Superstições e costumes”, publicada em 1958, considerada por Câmara Cascudo como livro de “pesquisa e notas de etnografia brasileira”, pois junta pesquisas de diversos temas com os mais sugestivos motivos de interesse.

- 14 Meleagro é outro livro considerado etnográfico, publicado em 1951, destinado ao estudo do catimbó e às diferenças que apresentava em relação à macumba e ao candomblé. Nele, Cascudo estuda o mau olhado, o quebranto, os amuletos, o feitiço, o despacho, a muamba, a flora medicinal dos feiticheiros e seus remédios, o emprego do sangue, da saliva, do sopro; aborda o transe, a possessão e a intervenção de espíritos<sup>iv</sup> (Cascudo 1951).
- 15 Em “Rede-de-dormir”, livro publicado em 1959, o autor potiguar descreve e analisa um “complexo cultural particular”, a rede e seu condicionamento social e histórico. Ele desenvolve a obra em dez capítulos, nos quais aborda desde a origem do nome, sua difusão, geografia, usos e costumes, técnicas de fabricação, tradições, modelos, adivinhações e a economia da rede.
- 16 Como alhures, também nessa obra, Câmara Cascudo recorre às fontes próximas e familiares para enriquecer seu repertório. Algumas dessas fontes se encontravam não apenas próximas, mas estavam localizadas no “interior do seu interior”<sup>v</sup>, de suas longínquas e cristalizadas lembranças da infância e do início da juventude, na fazenda Logradouro, município de Augusto Severo/Rio Grande do Norte, na casa de seu tio José Cornélio Fernandes Pimenta, quando as redes-de-casal podiam ser ocupadas pelos rapazes, hóspedes ou mulheres. Ele também edifica a memória para relatar as assertivas de seu tio Antônio Nicácio Fernandes Pimenta sobre o medo dos escravos negros de dormirem na rede.
- 17 Em paralelo, Cascudo se apoia em fontes documentais e bibliográficas, como os relatos de José de Anchieta, Gandavo, Gabriel Soares de Sousa, Fernão Cardim, Padre Manoel da Nóbrega, Frei Vicente de Salvador, Padre Vidal de La Blache; e, ainda, nos registros de autores tais como: Hans Staden, Jean de Léry, André Thévet, Claude de Abbeville, Jean Nieuhof, Stradelli e Max Schmidt.
- 18 “Viajando o Sertão”, livro publicado em 1934, foi produzido com base na primeira incursão etnográfica de Câmara Cascudo. Nele, Cascudo traz relatos sobre a vida dos sertanejos nordestinos, suas sociabilidades, práticas religiosas, economia, costumes etc.
- 19 A respeito de “Civilização e Cultura”, publicado quando Cascudo já tinha 75 anos e considerado, por muitos, como tratado de etnografia, a antropóloga afirma:
- É sobretudo através deste livro que se pode conhecer melhor as posições do autor frente à etnografia e aos etnógrafos clássicos e suas respectivas escolas, onde ele demonstra de forma explícita a sua independência em relação a qualquer tipo de abordagem antropológica (Andrade 1999: 28).
- 20 Em “Superstições e costumes”, coletânea de três ensaios, o autor desenvolve estudos sobre a origem e permanência de hábitos, superstições e temas religiosos no Brasil.
- 21 “Vaqueiros e cantadores” apresenta e discute os universos de vaqueiros e cantadores do Nordeste do Brasil, considerados “heróis” populares dos sertões brasileiros pelo folclorista.

## A construção da etnografia: Fragmentos metodológicos

- 22 Filho de família tradicional na capital potiguar, Cascudinho, como era conhecido na juventude por ter o mesmo nome do pai, o coronel Cascudo, teve o privilégio de dedicar

toda a sua vida ao que gostava de fazer: estudar e pesquisar sobre os costumes do povo brasileiro e, mais particularmente, sobre os costumes da Região Nordeste.

23 Na infância, acometido por uma doença pulmonar, foi enviado para o interior do estado com o propósito de “enrijecer os pulmões fracos, atingidos pela doença que o acometia” (Cascudo 1971: 148). Embora tenha permanecido na fazenda do seu tio apenas o tempo suficiente para sua recuperação, essa curta temporada foi construída por ele como narrativa de “momento fundador” (Durand 1997) de sua trajetória antropológica, sendo constantemente evocada como experiência a partir da qual teria se produzido seu interesse pelo estudo da cultura brasileira nos rincões do país.

24 E, no conjunto de suas pesquisas, a etnografia ocupa lugar de relevo. Etnografia que, segundo ele:

Estuda a origem e estabelecimento, modificações e vitalidade das culturas. O conteúdo, diga-se a verdade, pertence ao programa das demais companheiras. Como não houve homem sem uma cultura no tempo e no espaço, o motivo do estudo coincide na indagação de todas as ciências do social, diversificando-se nos ângulos da apreciação e amplitude. A etnografia, até deliberação em contrário, estuda essas culturas, que são perpetuamente as explicações da passagem humana na face da terra (Cascudo 1973: 6).

25 Cascudo defendia a independência e soberania da Etnografia frente à Antropologia, em oposição a muitos autores, conforme podemos observar na mesma obra referida acima. Quase meio século desde que Cascudo publicou “Civilização e cultura”, a comunidade antropológica continua deliberando em sintonia sobre o objeto de estudo da etnografia.

26 A perspectiva etnográfica trazida por Cascudo se aproxima daquela apresentada por Claude Lévi-Strauss em seu livro “Antropologia Estrutural”, publicado na França em 1958, cuja primeira edição no Brasil ocorreu nove anos depois e na qual etnografia é definida pelo pai do estruturalismo como “observação e análise de grupos humanos considerados em sua particularidade, e visando à reconstrução, tão fiel quanto possível, da vida de cada um deles” (Lévi-Strauss 1967: 14).

27 Cascudo se mostrava informado e em interlocução com autores contemporâneos. No livro em que publica seu conceito de etnografia, “Civilização e cultura”, de 1973, ele mostra que, mesmo não sendo tributário direto de autores como o antropólogo francês, acompanhava os debates antropológicos que se estabeleciam sobre os rumos da etnografia. Ao mesmo tempo, mantinha-se atento e em diálogo com autores clássicos da disciplina, mesmo que, por vezes, os tenha contestado como atesta este extrato da mesma obra, no qual, paradoxalmente, renuncia àquilo que para um cientista parece ser um imperativo:

Não me arrependo da ausência de métodos e mesmo ainda de ter recorrido aos elementos que julgo úteis para um esclarecimento. Evitei a intenção polemística, ao sabor de McLennam e Malinowski, pelo fato de não concordar e menos expor, para valiosa correção, enganos notórios em textos majestosos, como o Brasil é o ignoto da etnografia geral, vagamente percebido nos volumes sonoros, não tive cerimônia em lembrar etnografia brasileira quando eram dispensáveis as ilhas polinésias, as infalíveis gentes da Tasmânia e pigmeus africanos. Não fiquei acampado pela Ásia, mas lembrei as correlações (Cascudo 1973: XI)

28 Frente à afirmação de Cascudo, uma pergunta se impõe: será que em seus trabalhos etnográficos houve renúncia à utilização do método?

29 Quando definiu seus famosos princípios metodológicos, Malinowski indicava como terceira condição “aplicar certos métodos especiais de coleta, manipulação, registro das

evidências”, além de recomendar a necessidade de “possuir objetivos puramente científicos e conhecer os valores e critérios da etnografia moderna”, assim como “assegurar boas condições de trabalho” (Malinowski 1978: 20). Cascudo não parecia estar em desacordo com tais recomendações, mas também não as tomava como imperativos incontestáveis.

- 30 Frente às afirmações do “pai” da moderna etnografia, a pergunta permanece: será que o estudioso do folclore brasileiro renunciou ao método ou preferiu não o definir de maneira exclusiva, unívoca, inflexível e antecipada, mantendo-se aberto às possibilidades que se apresentavam ao longo das situações de campo de pesquisas e “em consonância” com as fontes dos dados a serem coletados, inclusive com os interlocutores com os quais travou contatos?
- 31 Não há resposta fácil para a postura assumida por Câmara Cascudo em suas práticas etnográficas, mas elas evidenciam uma não subordinação aos padrões estabelecidos na Europa. Para ele, o importante era ouvir a todos quantos fosse possível, “sem obrigatoriedade devocional a padrões estrangeiros” (Cascudo 1973: XI).
- 32 A antropóloga e estudiosa da obra do autor potiguar observa que
- O modelo etnográfico adotado por Cascudo, que o filia de alguma forma à escola da etnografia, embora esse autor tenha se recusado a obedecer de modo estrito a qualquer escola ou metodologia fixa, e tenha buscado ao longo de sua obra exercer toda independência possível, sendo esta a sua marca pessoal em todos os trabalhos que realizou (Andrade 1999:19).
- 33 Mais do que um método no sentido estrito do termo, a postura assumida por Cascudo foi uma das maneiras, que parece ter encontrado, de não se deixar aprisionar em caminhos labirínticos nos quais poderia se sentir limitado durante suas incursões etnográficas. Ele preferiu a liberdade<sup>vi</sup> de ir compondo seus caminhos de pesquisas, com possibilidades em aberto, de acordo com as interações e respostas que recebia e/ou retirava de suas múltiplas fontes. Entre essas, muitas foram as ocasiões nas quais os relatos de moradores dos mais distintos recantos do chamado Brasil profundo (ou seria melhor afirmar: Nordeste profundo, considerando-se sua inclinação em circunscrever seus estudos aos acontecimentos na região) emergiram ante os ouvidos e olhar atentos do jovem da elite natalense, interessado ‘nas coisas do povo’.
- 34 Trata-se, portanto, de uma perspectiva que mantém estreita relação com os debates teóricos de seu campo disciplinar, sem, contudo, se render, *a priori*, aos seus cânones. Antes, ele buscava testar a envergadura do diálogo<sup>vii</sup> permanente entre teoria e método, de modo a favorecer uma melhor compreensão dos mais variados personagens que compõem a diversidade cultural humana nos sertões nordestinos. As afirmações desses personagens surgem como expressões ‘incontestes’ da vida nas camadas populares do Brasil: são vaqueiros, pescadores, rezadeiras, cantadores, catimbozeiros, cozinheiras, homens que tinham sido escravos, indígenas, contadores de histórias, coronéis etc. Entre os informantes de Cascudo, muitos foram abordados algumas e/ou poucas vezes durante diálogos específicos sobre determinados temas que lhe interessavam; outros, todavia, acabaram por se constituir enquanto privilegiados, espécie de Doc<sup>viii</sup> para as pesquisas do autor, pois detinham informações valiosas e em alguns casos acabaram sendo transformados em interlocutores por longo tempo.
- 35 Uma dessas personagens foi Luísa Freire, conhecida por “Bibi”, tida por Cascudo como fiel representante da literatura tradicional e fonte inesgotável de informações. Cascudo reuniu algumas histórias contadas por ela no livro “As trinta estórias brasileiras”, além

de outras que foram publicadas nas obras “Contos tradicionais do Brasil”, “Vaqueiros e cantadores” e, “Geografia dos mitos brasileiros”. Nomeada por Cascudo de “Sherazada humilde e analfabeta”, ele era impressionado com o fato de Bibi saber contar histórias oriundas da África, da Índia, da Pérsia e divulgada pelos árabes pelas edições em latim. Histórias quase íntegras, apenas com as deformações que o ambiente determina para sua adaptação compreensiva (Cascudo 1967: 60).

- 36 No panteão de informantes de Câmara Cascudo há ainda os que não apenas possuíam informações consideradas valiosas, mas aqueles com os quais ele mantinha relações que estavam para além das situações de pesquisa, a exemplo de suas tias, tios, pai. Este último, além de se tornar referência na biografia do filho, era considerado como grande informante, pois, desde a infância, contava histórias, anedotas clássicas de origem ibérica e que Cascudo registrou em algumas de suas obras como “depoimentos”. Juntamente com Francisco Cascudo, destacam-se também na condição de informantes, sua mãe, Ana da Câmara Cascudo, seus tios Francisco José Fernandes Pimenta (Cascudo 1968) e José Cornélio Fernandes Pimenta (Cascudo 1983), sua mulher, Dália Freire Cascudo, e sua ama, Benvenuta de Araújo. Além de amigos, professores, políticos e muitos daqueles que Cascudo classificou de populares.

## A produção da memória como recurso metodológico

37

- 38 A influência de familiares e amigos foi grande na construção da memória de Câmara Cascudo, como já deixamos antever. As muitas experiências da infância, algumas das quais vividas ao lado de parentes, amigos e trabalhadores da fazenda no sertão do Rio Grande do Norte, produziram marcas indelévels em seu imaginário. Com frequência, o autor recorre aos fragmentos de sua memória para compor seus estudos etnográficos. Para ele, “aqueles foram anos ricos, vivendo no Sertão-de-pedras, sem rodovias, sem luz elétrica, sem notícias, sem ideias das ondas salgadas; no sertão de rezadores, tiradores de novenas, valetudinários que recebiam recados dos anjos” (Cascudo 1971: 147).
- 39 O trecho a seguir é uma boa amostra da força dessas influências na formação das memórias e na construção das percepções do estudioso do folclore.

Reúno neste livro, quinze anos de minha vida, notas, leituras, observações, tudo compendiei um dia neste ‘Vaqueiros e Cantadores’, em parte alguma dos meus depoimentos de testemunha a imaginação supriu à existência do detalhe pitoresco. O material foi colhido diretamente na memória duma infância sertaneja, despreocupada e livre. Os livros, opúsculos, manuscritos, confidências, o que mais se passou posteriormente vieram reforçar, retocando o instantâneo que meus olhos meninos haviam fixado, outrora. É o que fielmente se continha em minha alma (Cascudo 2000: 5).

- 40 Ao recorrer ao uso da memória infantil como fonte, Câmara Cascudo construiu o solo sagrado de sua vida outrora, no qual encontra “alguns ídolos, alguns templos e, de uma maneira mais geral, alguns lugares sagrados” (Leiris 2017: 15). Em outras obras, ele volta a destacar a importância dessas memórias da infância na confecção de imagens, descrições e análises de sua vasta produção sobre a chamada cultura popular nordestina.

- 41 Embora conhecesse a discussão sobre produção social da memória, ao ponto de citar a obra “Memória coletiva”, de Maurice Halbwachs, Câmara Cascudo não problematiza o uso que faz de sua memória. Ele não a vê como construção do presente, tecida a partir dos instrumentos e percepções que não permanecem reféns de eventos e histórias contadas no pretérito e cuja tessitura vai se recompondo a partir de novos fios que se agregam no seio de relações e valores que os indivíduos estabelecem.
- 42 Ao evocar o que fielmente as suas experiências existenciais revelavam, Cascudo procura justificar a subordinação que faz das lembranças sertanejas em sintonia com os interesses do então homem adulto e estudioso da cultura. Em paralelo, ao destacar o olhar infantil como fonte e testemunha, ele reivindica a ‘fidedignidade’ daquilo que relata em suas obras, buscando se constituir, portanto, a seu modo, como autoridade etnográfica (Clifford 1998).
- 43 Ao renunciar à percepção da memória à luz do presente, Câmara Cascudo procura tomar suas lembranças da infância e da adolescência como testemunhos genuínos de costumes, práticas e valores sociais, que pareciam estar sob ameaça das transformações modernizantes, que o autor assistiu durante boa parte do século XX. Contra as tempestades modernas, que quase tudo coloca nos ares, a memória da infância funciona como cápsula protetora das tradições populares. Nesse invólucro, tudo o que foi visto e vivido outrora pode ser retomado, descrito tal ‘como ocorreu’ no passado. O uso que Cascudo faz de sua memória lhe permite vê-la como fiel depositária das tradições de “raízes”. Ele prefere usá-la de maneira ‘livre’. Leia-se: acrítica.

## As fontes de pesquisa e o uso dos dados

- 44 As escolhas dos interlocutores, fontes de pesquisa, incluindo-se o uso da memória e de fontes documentais não foram realizadas de maneira aleatória, livres, tampouco sem métodos. Ao contrário, elas foram estabelecidas com base nos propósitos intelectuais de Câmara Cascudo.
- 45 Em seu estudo sobre a construção conceitual do folclore e da cultura popular no Nordeste do Brasil, Durval Muniz de Albuquerque Júnior classifica Câmara Cascudo como um dos principais expoentes do projeto de construção do folclore nordestino, com destaque para o período de 1920 até 1950. Os estudos do folclore são apontados pelo historiador como forma de resistência<sup>ix</sup> de Câmara Cascudo e de muitos dos seus congêneres à nascente sociedade capitalista que começava a espriar seus raios no Brasil do início do século XX. Albuquerque Júnior destaca
- A saída para a cidade, dos filhos destas elites, a urbanização e o letramento tornam-se condições fundamentais para que percebessem o cassaco da usina, o negro velho que lhe serviu de pajem, o vaqueiro, o jangadeiro, o pescador, o comboeiro, como sendo um outro, como sendo parte de uma outra cultura (Albuquerque Jr 2013: 62).
- 46 Diferentemente de etnografias clássicas, tais como “Argonautas do Pacífico ocidental”, e os “Nuer”, cujos autores só passaram a conviver com os povos estudados a partir do início das respectivas pesquisas, o que é marca característica da grande maioria dos estudos antropológicos, Câmara Cascudo não lida com um estranho, desconhecido, mas com grupos, indivíduos e valores que lhe são familiares, próximos e no limite, íntimos, ao ponto de fazerem parte do seu processo de formação. De todo modo, enquanto pesquisador restava a tarefa de transformar esse ‘familiar’ em objeto de estudo antropológico, descrevê-lo, ressaltando suas nuances, particularidades, em duas

palavras: seus exotismos. Na obra *Jangada*, por exemplo, “seu ponto de partida emerge de suas reminiscências infantis, quando morou em um sobrado cujos fundos davam para o Rio Potengi, onde viviam grandes mestres jangadeiros, alguns dos quais tornaram-se compadres e fregueses de seu pai” (Andrade 1999: 50).

- 47 A tarefa que Câmara Cascudo se coloca foi a de apresentar o que lhe era familiar para aqueles que não os conheciam e, ao mesmo tempo, reapresentar para os que com ele conviveram outrora, mas, agora, com uma nova roupagem: o vestuário da ciência.
- 48 A necessidade do ‘retorno’ de Cascudo às suas origens serve para indicar, paradoxalmente, as distâncias que se construíram ao longo de sua vida em relação aos indivíduos, grupos e costumes com os quais conviveu durante sua infância e adolescência. Todavia, nesse retorno, Cascudo não espera encontrar esse outro modificado, mas, sim, como o viu, com os próprios olhos, nos ‘momentos sublimes’ de sua infância, no sertão nordestino. Nesse invólucro que Câmara Cascudo faz questão de manter protegido contra as intempéries do tempo social, tudo o que ele precisava fazer era acessá-lo para reencontrar costumes e valores, tais como os deixou na aurora de sua existência.
- 49 Portanto, sua memória funciona como um farol, cujas luzes do presente guiam o folclorista a rever o exótico. Seus interesses intelectuais o guiavam também para a contemporaneidade, onde ele encontrará nas estradas de barro as marcas dos cascos dos cavalos de vaqueiros, assim como as marcas de outros indivíduos, grupos e costumes que permaneciam vivos num mundo que parece se configurar aos seus olhos e de tantos outros “traficantes do exótico” como testemunhos de práticas que se mostram vivas (Correia 1988). O outro “será apresentado pelo homem do sertão, pelos personagens do sertão ou pelos personagens ligados às atividades artesanais (jangadeiros, pescadores, vaqueiros)” (Albuquerque Jr 2013: 49).
- 50 Esse outro será descrito de modo idealizado, tal como o mundo no qual ele vive, onde a conflitualidade parece não se apresentar enquanto elemento das sociabilidades e mesmo as marcas (perversas) da sociedade pré-capitalista brasileira são apresentadas com ar de romantismo. O outro, (popular, homem do povo) é reconstruído por Cascudo e apresentado em suas descrições etnográficas como o representante de um mundo relutante às marcas do nascente capitalismo brasileiro com suas lutas de classes. Nas descrições de pesquisa feita através de carta a Mário de Andrade, Cascudo enfatiza o caráter antimoderno dos seus personagens e de seus mundos: “Estou no meio de vaqueiros e cantadores. Não há luz elétrica. A coisa que me lembra e detestavelmente o progresso é o meu Ford que está parado embaixo do telheiro” (Cascudo apud Amoroso 2012: 177).
- 51 A maneira como via seus interlocutores, tinha implicações diretas no tratamento que dispensava aos dados colhidos nas pesquisas. Cascudo não problematiza as situações vividas em campo, nem as circunstâncias que delineavam o seu acesso<sup>x</sup> aos informantes e, por conseguinte, aos dados. Em muitas descrições de pesquisa, por ele relatadas, não existem acessos aos detalhes sobre tempo, nem às condições de realização das entrevistas. Personagens e dados surgem em seus escritos etnográficos sem que as relações entre esses “homens e mulheres do povo” e o pesquisador da elite potiguar sejam devidamente apresentadas, problematizadas, discutidas. Quando as referências de proximidade entre o pesquisador e interlocutores são indicadas, elas servem para mostrar o grau de familiaridade (e, muitas vezes, de subordinação) dos interlocutores,

que, por serem íntimos, em diversos casos, são tomados como fontes confiáveis de informações.

- 52 Como quase todo etnógrafo, Cascudo se orgulha do trabalho de campo realizado e não por acaso, pois, como observou Mello (1991: 242), depois de Malinowski a realização da pesquisa de campo passou a ser uma espécie de rito de passagem, um batismo necessário à condição de etnógrafo. Nas pesquisas que serviram de base a Meleagro, por exemplo, Cascudo “visitou algumas cerimônias, obtendo depoimentos dos “mestres de mesa”, como “Mestre Carlos”, “João Juvenal da Costa Lima, conhecido por Mestre Zinho” (Gomes 2009). Cascudo descreve ainda eventos policiais envolvendo catimbozeiros e o material apreendido, em que tomava conhecimento de nomes de pessoas interessadas nos ‘serviços’, o modo da realização das sessões, o material usado, como toalhas, retratos de várias pessoas, velas, bonecas de pano, cachimbos, búzios, imagens de santos, garrafas de cana e cartas dos interessados (Gomes 2009: 65).
- 53 Nos comentários que fez ao trabalho etnográfico que deu origem a Meleagro, Mota (2003) chega a classificar as participações de Cascudo em rituais religiosos como observação participante, fazendo lembrar as práticas fundadoras da etnografia moderna inaugurada por Malinowski em Trobriand, quando fez nascer a síndrome do antropólogo camaleão (Malinowski 1997)<sup>xi</sup>: o pesquisador que procura adequar seu comportamento no campo de pesquisa para sentir o mais próximo possível os valores e práticas do grupo estudado, passando a acreditar, assim, que produzirá descrições/ traduções fidedignas (como se fosse possível) da sociedade estudada.
- 54 Talvez o desapego em seguir caminhos metodológicos mais rígidos, mesclados com uma sensação de “salvaguardar”, “restaurar” costumes tradicionais tenha levado Cascudo a silenciar sobre suas relações com as fontes. Em vários momentos<sup>xii</sup> descritos na obra comentada por Roberto Mota, os dados “etnográficos” utilizados foram, originalmente, obtidos graças às relações de proximidade estabelecidas com a polícia do Rio Grande do Norte, que repreendia as ações dos catimbozeiros. Isso, assim como descrições de personagens retirados de reportagens jornalísticas, igualmente destacadas pelo historiador Durval Muniz, não parecem ter constituído problemas metodológicos, pois Cascudo não apresenta com clareza aos seus leitores os caminhos percorridos durante suas práticas etnográficas.
- 55 Antes de representar uma falta nos escritos etnográficos de Cascudo, tais ausências constituem traços de seus trabalhos etnográficos. Não o é, contudo, exclusiva. Até a primeira metade do Século XX, esse foi o expediente marcante nas etnografias produzidas por muitos autores europeus junto às populações distantes geográfica e culturalmente da perspectiva eurocêntrica, nas quais os intelectuais do velho continente podiam “encontrar” e construir o exótico. Os trabalhos de Malinowski (Argonautas do Pacífico Ocidental), de Margareth Mead (Sexo e Temperamento) e de Evans-Pritchard (Os Nuer), entre muitas outras etnografias exemplares da “autoridade etnográfica”, nos dizeres de Clifford (1998), não problematizaram as condições de dominados sob as quais os povos estudados viviam ou o fizeram de maneira incipiente.
- 56 A questão política, por vezes, assume silêncio ensurdecido nas descrições feitas por muitos antropólogos e, por isso mesmo, não foram problematizadas pelos autores, inclusive por Cascudo.
- 57 Semelhanças à parte com os principais etnógrafos da primeira metade de século XX, eventualmente, Cascudo destoa de tais referências. Nada de estranho para um

- etnógrafo que afirmava renunciar ao método, mas, paralelamente, se apegava em demasia ao seu objetivo intelectual e político de salvar, “resgatar<sup>xiii</sup>” valores culturais.
- 58 No seu estudo sobre a fabricação do folclore, Durval Muniz observa que o livro de Henry Koster, publicado na Inglaterra em 1816, sob o título *Travels in Brazil*, no qual o autor relata suas aventuras no Brasil, foi traduzido para o português por Câmara Cascudo e publicado em 1942 sob o título “Viagens ao Nordeste do Brasil”. Assim, Cascudo opera uma redução geográfica na obra de Koster, que passa a servir para “torna-se uma fonte etnográfica da cultura popular do Nordeste” (Albuquerque Jr 2013:169).
- 59 Essa nada sutil tradução<sup>xiv</sup>, que reduz o Brasil ao Nordeste, segue a lógica do projeto intelectual ao qual Cascudo esteve vinculado durante toda sua vida de intelectual engajado, como diríamos hoje. Assim, como outros folcloristas, Câmara Cascudo era homem letrado, morador de grande cidade do Nordeste, filho da elite potiguar, com formação acadêmica em algumas das principais cidades do país (Salvador, Rio de Janeiro e Recife) e em cursos (Medicina e Direito) cuja tradição durante o século XIX e boa parte do XX no Brasil foi de formar os doutores das elites. Nas pesquisas etnográficas que realizou, obviamente, levava consigo as marcas<sup>xv</sup> de sua existência, de seus vínculos sociais, embora tais evidências jamais tenham sido abordadas enquanto elementos que interferiam nas relações estabelecidas com interlocutores e, por conseguinte, nos acessos aos dados coletados.
- 60 Ao contrário do que podemos supor frente aos argumentos que motivaram Câmara Cascudo no processo de “resgate” dos costumes tradicionais, não foi o passado que se insurgiu contra o presente, mas o seu presente, vivido nas grandes cidades e todas as reações geradas frente ao mundo novo que o fizeram recriar o passado, acionando e recriando a memória para tratá-la como invólucro impermeável. Porém, como nos mostram vários estudos<sup>xvi</sup>, acionar através da memória não é simplesmente retomar o que existiu tal como se acredita que tenha sido. Igualmente, traduzir não equivale a simplesmente reapresentar, pois implica em recriar à luz de novas possibilidades que surgem e, muitas vezes, ajudam a produzir novos olhares e sensibilidades.
- 61 Nas pesquisas que deram origem ao livro “Viajando o Sertão”, publicado em 1934, Luís da Câmara Cascudo percorreu várias cidades<sup>xvii</sup> do interior do Rio Grande do Norte a convite e na companhia do interventor estadual à época. Nessas localidades, Cascudo participou de muitos eventos políticos e administrativos: visitou escolas, esteve em inaugurações de repartições públicas, visitou obras, entre muitos outros eventos. Em alguns desses, o autor folclorista chegou a discursar em favor das ações do interventor Mário Câmara.
- 62 Evidentemente, essas ocasiões foram aproveitadas por Cascudo para fazer contatos com informantes e coletar dados que o ajudariam a compor a obra citada. Esse não foi um fato incomum em sua trajetória<sup>xviii</sup>, embora isso não constitua nenhum problema em si, mas pode ensejar ávida discussão sobre o grau de interferência do papel desempenhado como agente político sobre o do etnógrafo. O problema reside não na problematização desses papéis desempenhados concomitantemente pelo mesmo personagem. Uma vez mais, o problema com implicações etnográficas emerge do não reconhecimento das consequências que tais atividades exercem sobre a coleta dos dados, bem como sobre as descrições e as análises produzidas.

## Considerações finais

- 63 O leque de estudos desenvolvidos por Câmara Cascudo continua ensejando análises ufanistas e críticas às suas produções. Antes de se alinhar ou não às suas perspectivas teóricas, metodológicas e políticas, é preciso reconhecer que a quantidade de eventos que emergem e de autores que giram em torno da obra do ‘etnógrafo dos sertões’ atestam os impactos, a importância e atualidade das produções desenvolvidas por ele no cenário intelectual brasileiro durante boa parte do século XX.
- 64 A tônica impressa por Cascudo em suas etnografias difere da perspectiva defendida por muitos outros colegas antropólogos. Se para estes, a etnografia é o encontro com o estranho, com suas incoerências, ausências e suspeições, para o autor de “Antologia do Folclore Brasileiro”, fazer etnografia representa reencontrar o familiar, conhecido, aquilo que deixou marcas indelévels na imaginação da criança.
- 65 Em suas etnografias, as memórias da infância são ressignificadas a partir da vida adulta para servir como testemunhas das assertivas do estudioso da cultura brasileira. O seu olhar funciona como uma rede de pescador que arrasta as referências do passado em direção ao presente. Presente existencial e etnográfico.
- 66 Com efeito, fazer etnografia em Câmara Cascudo é reavivar imagens de desenhos infantis, cuja memória trouxe de lugares remotos para o presente iluminado pelas luzes elétricas das grandes cidades brasileiras, onde ele, em seu gabinete, pode, finalmente, se debruçar, como tantos outros etnógrafos, sobre os dados colhidos junto aos seus interlocutores e às suas tantas informações garimpadas com esmero.
- 67 As maneiras como se relaciona com as fontes, muitas vezes, sem descrever as vias de acesso a elas, sem indicar contextos relacionais que possibilitam os acessos aos dados ou ainda a quase inexistência de problematizações a respeito das relações que manteve com muitos de seus interlocutores, não faz de Câmara Cascudo um etnógrafo extemporâneo ao período no qual produziu parte considerável de suas pesquisas etnográficas.
- 68 Seu ‘silêncio’ sobre o processo de construção do campo de pesquisa se reveste de ação política, pois ele revela a posição do homem da elite brasileira frente a um mundo em crise, em transformação. Estudioso e ‘inventor’ das coisas e dos costumes ‘genuínos’ do povo pobre dos sertões nordestinos, Cascudo assume uma postura intelectual de resgate dos valores e práticas de ‘outrora’ que se viam ameaçados pelas forças do progresso modernizante.
- 69 Frente à crescente influência avassaladora do progresso, as tarefas de resgatar e de salvaguardar as raízes dos costumes brasileiros se mostravam mais relevantes do que quaisquer outros desafios. A seu medo e fazendo o uso das pesquisas etnográficas, Câmara Cascudo procurou pensar o Brasil a partir das práticas de homens e mulheres nordestinos, tidos por ele como representantes de costumes basilares sobre os quais o país se constituiu.
- 70 Por fim, o fazer etnográfico cascudiano não representa uma volta ao passado, pois a esse nunca se volta. Suas etnografias reinventam o passado, motivadas por aquilo que foi cantado por um compositor de outras plagas artísticas, igualmente ufanista das tradições do Nordeste brasileiro: o “luar do sertão”<sup>xix</sup>, sinônimo e imagem do idílico.

---

## BIBLIOGRAFIA

- ALBUQUERQUE JR, Durval Muniz. 2013. A Feira dos Mitos. A fabricação do folclore e da cultura popular (nordeste 1920-1950). São Paulo: Intermeios, 2013.
- AMOROSO, Marta. 2012. Os sentidos a etnografia em Câmara Cascudo e Mário de Andrade. Ieb n. 54. pp. 177-182
- ANDRADE, Maristela O. de. 1999. Anotações sobre a obra etnográfica de Câmara Cascudo. Natal: Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Norte/Salvador: Fundação João Fernandes da Cunha. 1999.
- ASAD, Tal. 2016. O conceito de tradução na antropologia social britânica. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (Org.) A escrita da cultura. Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis selvagens Edições. pp. 207-236.
- BERRERMAN, Gerard. 1980. Etnografia e controle de impressões em uma aldeia do Himalaia. In: ZALUAR, Alba (org.) Desvendando Máscaras Sociais. Rio de Janeiro: Francisco Alves. pp. 123-174.
- CASCUDO, Luís da Câmara. 2000. Vaqueiros e Cantadores: folclore poético do Sertão de Pernambuco, Paraíba, Rio Grande do Norte e Ceará. Rio de Janeiro: Ediouro. 2000
- \_\_\_\_\_. 1983. Anúbis e Outros Ensaio: mitologia e folclore. 2ª ed. Rio de Janeiro: Funarte, 1983.
- \_\_\_\_\_. 1983. História da Alimentação no Brasil. Belo Horizonte: Editora Itatiaia; São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo. 1983.
- \_\_\_\_\_. 1983. Rede-de-Dormir: Uma pesquisa etnográfica. Natal: Funarte. 1983.
- \_\_\_\_\_. 1971. Tradição, Ciência do Povo: Pesquisas na cultura popular do Brasil. São Paulo: Editora Perspectiva. 1971.
- \_\_\_\_\_. 1973. Civilização e Cultura: pesquisas e notas de etnografia geral. Rio de Janeiro: José Olympio. 1973.
- \_\_\_\_\_. Coisas que o Povo Diz. João Pessoa: Editora Universitária, 1968.
- \_\_\_\_\_. 1967. Folclore do Brasil. Rio de Janeiro: Editora Fundo de Cultura S.A. 1967.
- \_\_\_\_\_. 1958. Superstições e Costumes: pesquisa e notas de etnografia brasileira. Rio de Janeiro: Antunes & Cia, LTDA. 1958.
- \_\_\_\_\_. 1957. Jangada - uma pesquisa etnográfica. MEC, Rio de Janeiro. 1957.
- \_\_\_\_\_. 1951. Meleagro - depoimento e pesquisa sobre a magia branca no Brasil. Rio de Janeiro: Livraria Agir Editora. 1951.
- CORRÊA, M. 1988. Traficantes do excêntrico: os antropólogos no Brasil dos anos 30 aos anos 60. Revista Brasileira de Ciências Sociais, nº 6. pp. 79-98.
- CLIFFORD, James. 1998. A experiência etnográfica. Antropologia e literatura no século XX, organizado por José Reginaldo Santos Gonçalves, Rio de Janeiro: Editora UFRJ.
- CLIFFORD, James; MARCUS, George (Orgs.). 2016. A escrita da cultura. Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições.
- CRAPANZANO, Vincent. 2016. O dilema de Hermes: o disfarce da subversão na descrição etnográfica. In: CLIFFORD, James; MARCUS, George (Org.). A escrita da cultura. Poética e política da etnografia. Rio de Janeiro: EdUERJ; Papéis Selvagens Edições. p. 91-123.

- EVANS-PRITCHARD, Edward. 2005. *Bruxarias, oráculos e magia entre os Azande*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar editor. 2005.
- EVANS-PRITCHARD, E. E. 1993. *Os Nuer. Uma descrição do modo de subsistência e das instituições políticas de um povo nilota*. São Paulo: Editora Perspectiva. 1993.
- DURAND, Gilbert. 1997. *As estruturas antropológicas do imaginário: introdução à arqueologia geral*. São Paulo, Martins Fontes. 1997.
- GOMES, Valdeci Feliciano. 2009. *Vozes que se calam, vozes de quem se falam: Câmara Cascudo e a cultura popular*. Dissertação de mestrado. PPGCS/Universidade Federal de Campina Grande.
- GLUCKMAN, Max. 1986. *Análise de uma Situação Social na Zululândia Moderna*. In: BIANCO, Bela Feldman (Org.). *Antropologia das Sociedades Complexas*. São Paulo: Ed. Global. p. 237-365.
- HALBWACHS, Maurice. 2006. *A Memória Coletiva*. 2ª edição. São Paulo: Centauro. 2006.
- LEIRIS, Michel. 2017. *O Sagrado na vida cotidiana*. Debates do NER. N. 31: 15-25.
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1978. *Argonautas do Pacífico Ocidental. Um relato do empreendimento e da aventura dos nativos nos arquipélagos da Nova Guiné Melanésia*. São Paulo: Abril Cultural. (coleção Os Pensadores).
- MALINOWSKI, Bronislaw. 1997. *Um diário no sentido estrito do termo*. Rio de Janeiro: Record.
- MEAD, Margareth. 1998. *Sexo e temperamento*. 3ª ed. São Paulo: Editora Perspectiva.
- MELLO, Luiz Gonzaga. 1991. *Antropologia cultural. Iniciação, teorias e temas*. 5ª ed. Petrópolis: Vozes.
- MOTA, Roberto. 2003. *Meleagro*. In: SILVA, Marcos. (Org.). *Dicionário Crítico*. São Paulo: Perspectiva; Natal: Fundação José Augusto.
- OLIVEIRA, Giuseppe Roncalli Ponce Leon de. 2019. *Correspondência Modernista e Regionalista de Luís da Câmara Cascudo (1922-1984) 1ª. ed. João Pessoa: CCTA/UFPB*.
- PEIRANO, Mariza. 2014. *Etnografia não é método*. Horizontes Antropológicos, n. 42: 377-391.
- WHYTE, Foote. 2005. *Sociedade de Esquina. A estrutura social de uma área urbana pobre e degradada*. Rio de Janeiro: Zahar.

## NOTAS DE FIM

- i. A respeito da formação acadêmica de Câmara Cascudo, ver Andrade (1999).
- ii. Para citar apenas dois dos mais recentes e importantes estudos da obra de Câmara Cascudo, ver Albuquerque Jr. (2013) e Oliveira (2019).
- iii. Cujos principais resultados estão publicados em *A escrita da cultura. Poética e política da etnografia...* (Clifford; Marcus 2006).
- iv. Na obra, Câmara Cascudo estuda a carta branca, fazendo um resgate histórico desde a Grécia e Roma até os dias atuais. Material rico na conceituação, origem e relatos daquilo que ele chamou de mestres do além.
- v. Trecho da música “Onde Deus possa me ouvir”, do compositor Vander Lee.
- vi. Em comentários feitos a este texto, o historiador Durval Muniz Albuquerque Júnior anotou que Cascudo estava mais para romântico do que para positivista quando se tratava de uso de método.
- vii. A respeito dos desafios e potencialidades da etnografia, ver o trabalho de Peirano (2014).

- viii. Sobre a importância deste personagem, ver a obra de Whyte (2005).
- ix. “Cascudo não consegue disfarçar uma certa melancolia ante o desencantamento do mundo, fato que para ele já se havia praticamente consumado. Cascudo, no entanto, desdenhava, porque se mostrava cético em relação à consumação desse processo, já que, estando mais próximo do povo, captava dele a vitalidade de concepções arcaicas míticas e religiosas, constatando que em certos meios o mundo continuava encantado” (Andrade 1999: 35).
- x. O estudioso dos folcloristas Albuquerque Jr (2013:175) destaca que, no livro *Meleagro*, a imagem da mestra do Catimbó Iracema foi conseguida pelo potiguar junto à polícia, como indica o próprio folclorista em nota de rodapé, sem empreender maiores discussões ou esclarecimentos.
- xi. A publicação dos diários de Malinowski, por sua esposa, após o falecimento dele, fez surgir um debate profícuo na antropologia sobre os limites do processo de imersão na sociedade estudada por parte do pesquisador.
- xii. Ver Albuquerque Jr (2013: 174-175).
- xiii. Para a problematização do termo, ver o capítulo conclusivo de Albuquerque Jr (2013). Cf. igualmente a problematização proposta por Marcus (2016: 236) nota 1, sobre o que ele chama de ‘modo de resgate’ nos trabalhos etnográficos.
- xiv. Ver Asad (2016: 207-236).
- xv. Lembremo-nos da passagem anteriormente citada na qual Cascudo aponta o Corcel de sua propriedade como o único objeto moderno em meio à paisagem do sertão, enquanto realizava pesquisa com cantadores e vaqueiros.
- xvi. Ver em especial a coletânea de Clifford; Marcus (2016).
- xvii. Ele menciona, entre outras cidades: Santa Cruz, Cerro Corá, Angicos, São Romão, Açú, Paraú, Caraúbas, Patu, Almino Afonso, Lucrécia, Apodi.
- xviii. Segundo Albuquerque Jr (2013), Câmara Cascudo dizia-se avesso à vida política, mas dela participou durante toda a vida, chegando inclusive a ser nomeado deputado estadual, em 1930.
- xix. Título de composição musical de Luiz Gonzaga.

## RESUMOS

Este artigo analisa o trabalho etnográfico de Câmara Cascudo, a partir do uso que este autor faz das memórias infantis, das maneiras como se relaciona com as fontes e das relações que estabelece com os interlocutores. Bem como, discute os debates de Câmara Cascudo com o conceito moderno de etnografia. Autor de envergadura e de vasta produção de estudos da “cultura popular” brasileira, Cascudo realizou muitas pesquisas nas quais fez uso do método etnográfico, especialmente, junto às populações do Nordeste do Brasil. E é sobre parte considerável dessas obras etnográficas que nossa análise se desenvolve. Conclui-se que a obra etnográfica de Cascudo se constrói a partir de posturas políticas, intelectuais e de flexibilidades metodológicas que pavimentam suas relações com a memória, com seus interlocutores e com as fontes, visando salvaguardar o mundo idílico do sertão nordestino.

This article analyzes the ethnographic work of Câmara Cascudo, based on the use that this author makes of childhood memories, the ways in which he relates to the sources and the relationships he establishes with his interlocutors. As well, it discusses Câmara Cascudo's debates with the modern concept of ethnography. An author of great breadth and vast production of studies on Brazilian “popular culture”, Cascudo carried out many researches in which he made use of the ethnographic method, especially with the populations of Northeastern Brazil. And it is on a considerable part of these ethnographic works that our analysis develops. It is concluded that Cascudo's ethnographic work is built from political, intellectual and methodological flexibilities

that pave his relations with memory, with his interlocutors and with the sources, aiming to safeguard the idyllic world of the northeastern hinterland.

## ÍNDICE

**Keywords:** câmara cascudo, ethnography, popular culture, northeast of brazil, memory

**Palavras-chave:** câmara cascudo, etnografia, cultura popular, nordeste do brasil, memória

## AUTORES

### VANDERLAN SILVA

Doutor em Ciências Sociais pela Universidade Paris-Descartes. Professor de Antropologia da Universidade Federal de Campina Grande e do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da mesma universidade. Campina Grande (PB - Brasil)

E-mail: vanderlansilva@uol.com.br

ORCID: 0000-0003-4299-0711

### VALDECI FELICIANO GOMES

Licenciado em História pela Universidade Federal da Paraíba; Bacharel em Direito pela Universidade Estadual da Paraíba; Mestre em Sociologia pela Universidade Federal de Campina Grande e professor de Direito no Centro de Educação Superior Reinado Ramos (Cesrei) e União de Ensino Superior de Campina Grande (Unesc). Campina Grande (PB - Brasil)

E-mail: valdireito12@hotmail.com

ORCID: 0000-0003-1582-8145